

Entre as raízes de novos universos: ensaio imagético sobre a construção de uma cultura ballroom em Natal/RN¹

Clistenes Emanuel da Silva Costa (PPGA/UFS)

Palavras-Chave: Ballroom, Colagem, Antropologia Visual

O ensaio a seguir nasce a partir de inquietações iniciais quanto ao trabalho que venho desenvolvendo no meu Mestrado em Antropologia pelo PPGA-UFS que se debruça na temática da Cultura Ballroom. Tive contato pela primeira vez com esse universo em 2015, quando assisti pela primeira vez o documentário *Paris is Burning* (1991). Sou membro da comunidade ballroom desde 2024, começando pela cena potiguar e ingressando na cena sergipana em 2025, onde atualmente faço parte da “Casa de Mandacaru”.

Tal qual as costuras do figurinos que monto quando entro em uma ball, este ensaio costura-se a partir de um amálgama de experiências, envolvendo discussões dentro da comunidade ballroom, reflexões quanto às discussões no âmbito da antropologia visual, e registros audiovisuais que se interpelam com as memórias dos momentos em que eu estava inserido, em um movimento que se assemelha ao espiralar de Leda Maria Martins (2021).

A ballroom desponta enquanto local de enfrentamento à marginalização que comunidades de pessoas LGBT enfrentam (Correia, 2021). As balls nascem como manifestações artísticas onde participantes de diversas identidades de gênero se apresentavam e competiam por performances de moda, dança e talento (SANTOS, 2018, apud LAWRENCE, 2011, apud EBONY, 1953), em diversas localidades do meio urbano, sendo abertas para qualquer pessoa assistir ou participar, seja por meio de uma “Casa”, que funciona tanto quanto um coletivo mas que se manifesta enquanto uma família dentro da hierarquia da Ballroom, ou enquanto “007” ou “free agent” (agente livre), denominação dada a todos que participam das movimentações da ballroom sem pertencerem a uma Casa específica (Koudelová, 2022). Neste sentido a Cultura Ballroom trata-se de uma:

“subcultura² LGBTQ onde pessoas caminham em categorias de dança, moda, classes sociais e performance drag. E basicamente, você compete por troféus e prêmios em dinheiro. E contêm casas. Então

¹ Trabalho apresentado na 35ª Reunião Brasileira de Antropologia (Ano: 2026)

² Discordo do termo subcultura, preferindo me referir a Ballroom enquanto contracultura conforme Lima (2013)

basicamente, mini famílias. Então essas mini famílias competem umas contra as outras” (Koudelová, 2022, p. 11, tradução minha³)

Parrine (2017) indica o documentário “Paris is Burning”, de Jennie Livingston (1991) como pilar para entendimento da cultura dos bailes, constituindo-se do mais famoso enquanto um *primeiro contato* com a complexidade desse universo. No entanto, entre o lançamento de The Queen (1968) onde em cena antológica, Crystal LaBeija expõe toda sua crítica às práticas discriminatórias presentes nos concursos de drag queens, até o evento *Crystal & Lottie LaBeija Presents the First Annual House of LaBeija Ball* – em 1972 – que consagra Crystal e sua amiga Lottie enquanto precursoras do movimento que daria origem à cultura ballroom contemporânea (Lawrence, 2013), o início de fato desse movimento é escasso de registros e portanto a concretude desse marco se esvai enquanto concretude ao mesmo tempo que permanece vivo enquanto marco histórico.

Discordo de afirmações que tratam o documentário enquanto “um material tendencioso e de senso crítico raso que é mais um produto de tokenização da diversidade [...]” (Malaquias, 2025, p. 17). Trata-se por vezes do único ponto de partida para se debruçar sobre esse universo. A própria crítica de hooks (1992) ao que ela enxerga as balls como uma celebração de uma idealização da branquitude, parte da análise do documentário. Meus objetivos se diferem do dela ao não pensar na intencionalidade discursiva da direção, mas sim no material produzido e como funciona como um instrumento de reprodutibilidade para as mais diversas “cenas” que vêm se desenvolvendo globalmente.

No que tange a comunidade ballroom brasileira, Silveira e Kaliça (2025), propõem que os elementos da ballroom brasileira surgem através de uma transnacionalização de uma cultura afro diaspórica e queer. As redes de apoio que a Ballroom produzem encontram terreno fortuito para sua articulação em território brasileiro devido ao seu potencial de criação de redes de afetividade entre sujeitos dissidentes e como ele afirma, se transmuta ao chegar em solo nacional, e as balls e os bailes despontam com identidade brasileira e não enquanto assimilação de manifestações estadunidenses.

O ano é 2023 e na Ribeira, bairro histórico e polo cultural do município de Natal, estado do Rio Grande do Norte, desabrocha a Xanana Miniball, primeira ball potiguar e

³ Trecho Original: “it’s an LGBTQ subculture, in which people walk categories in dance, fashion, social class, and drag genre. And basically, you compete for trophies and cash prizes. And it contains houses. So basically, mini families. So it’s the mini families competing against each other”

marco de uma movimentação de meses que consistia em inserir o estado em um movimento que já.

Em jogos de luz e sombras, a fotografia sugere, exclui, intervém, silencia e reimagina os sentidos constantemente. Entender essas discussões levantam constantemente questionamentos se é possível falar de um ponto de partida da cultura ballroom, considerando o fato de que durante sua origem, os registros são quase inexistentes e sustentados apenas pela cultura oral.

Se para Didi-Huberman (2020), as imagens são testemunhos visuais de acontecimento, e que portanto sua existência por só são atos de memória e resistência, traçar uma “origem” da cultura ballroom trata-se de um exercício, por vezes delicado pois, tais informações se manifestam, de acordo com Koudelová (2022), com escassos registros audiovisuais, devido ao caráter transgressor, considerado criminoso de um movimento cultural essencialmente *queer*, desencorajando o acervo de imagens de tais movimentações.

Ao mesmo tempo que essa ausência é reconhecida, ela revela o apagamento político-cultural direcionado a um grupo social historicamente prejudicado. O apagamento se impõe pela intencionalidade do que se quer esconder., uma disputa pela imagem que se alicerça numa disputa por narrativas que buscava-se esconder.

São essas lacunas, mais do que buracos na representação, que abrem espaço para o que se tem como memória e representação. Para além de problematizar essas lacunas devem ser, esses novos conhecimentos produzidos mostram revelar as complexidades para que o esvaziamento também fale sobre os sujeitos.

O que se move pelas sombras revela tanto quanto aquilo que passa pela luz de uma câmera. Didi-Huberman (2020), fala da epiderme de uma imagem enquanto o começo, uma superfície que se perfura de forma trabalhosa para trazer camadas de sentidos que vão para além do entendimento da fotografia como recortes de momentos.

Quando trata-se da origem da cultura ballroom brasileira, em especial da comunidade Ballroom RN, da qual me debruço aqui, os registros são um pouco mais presentes, apesar que, assim como no âmbito estadunidense, traçar um ponto de partida propriamente dita é um exercício extenso, do qual não discorrer aqui em sua totalidade, pois a temática merece um trabalho minucioso apenas para tal feito. Tal como a linha de um novelo traçar primórdios acaba por revelar diversos “pontos de partida”.

Nessa provocação quanto a pontos de partida, a imagem que trago aqui é uma provocação quanto essa reflexão da ausência-presença. Cabe agora explicar, portanto, o processo de seleção das imagens. A partir de uma coleção abrangente de fotos da página Ballroom RN foram escolhidas fotos da Xanana Miniball, realizada em 09 de Setembro de 2023 no Yaras Porto (atualmente Clube Frisson, do qual ainda se realizam diversas balls do estado).

É justamente desse ponto de encontro entre o “legado” de uma ballroom originada nos EUA e uma em solo potiguar, que justifica a escolha das imagens desse evento para as discussões propostas por esse trabalho.

Imagem 1 - Entre Glitter e Pétalas⁴

⁴ As imagens utilizadas para a colagem são de autoria: Tambureti (2023) e Livingston (1991)



Fonte: Aatoria Própria (2026)

Desta forma, a imagens acima colagens e posteriores intervenções na imagem, originando novas imagens, que compreendendo as discussões de Didi-Huberman (2020), é uma manipulação mas não uma montagem com a mentira, mas sim a sobreposição para desdobramento de novos olhares sobre as mesmas, um olhar que não extrapola mas que galga novos pontos de vista.

Por meio de intervenção na imagem destaco a presença do (até então) membro da Casa de Acúenda, Príncipe Lírio de Acúenda. A presença de um corpo preto, transmasculino como o de Lírio sendo destacado como centro das atenções de um evento voltado a comunidade LGBTQIAP+ é um pensamento que vai de encontro exatamente com aquele que era o sentimento principal da ball da Casa de Labeija: Um ambiente que nasce em uma sociedade racista, mas que desafia tais normas ao criar uma comunidade de pessoas não-brancas onde sua beleza não seria analisada a partir das lupas da sociedade branca (Koudelová, 2022).

Em sobreposição temos a imagem de Pepper LaBeija, representante da Casa de LaBeija durante a produção do documentário. O objetivo aqui é tensionar que, mesmo produzindo comunidades em solo brasileiro há um movimento mimético, ao se inspirar no documentário enquanto ponto de partida, mas propondo novas interpretações, em uma espécie de fluxo cultural com esse passado, nesse ambiente que teria como principal característica “o desenvolvimento da performatividade de suas identidades de gênero e orientação sexual, performances teatrais e de vogue, tal como efetiva apresentação de características físicas e de estilo pessoal” (BAILEY, 2011, p. 367).

A última Imagem foi realizada na Oficina de Colagem e Intervenção na Imagem e encapsula justamente a mensagem principal que quero trazer: conversando com autores como Didi-Huberman (2017) e Sontag (2004), a imagem carrega consigo a significação e espaço e lugar e repensar a imagem através da memória, uma substância para se acessar a memória do todo funcionam para a escrita de uma realidade.

Imagem 2 - Venenos e Sementes



Fonte: Autoria Própria (2025)

O coração da ballroom, conforme expresso na imagem, são as pessoas trans, e os registros desses momentos são cruciais para construção de uma memória ballroom. Os rastros do que são invisíveis para a fotografia, das pessoas que antes eram invisibilizadas tendem a transbordar esses contextos e é isso que tentei trazer. Se a escrita também é um exercício de constante artesanato, construção contínua do que seria o real e imaginado, as montagens e remontagens da imagem também o são, e a imagem é em si um acontecimento que repensa a memória.

É nas montagens e remontagens dessas imagens, que se observam os corpos se conectando e as emoções manifestadas, dialogando com quem as observa. São amontoadas, mas desvelam constante movimento, uma história coletiva de uma comunidade construída em espaços separados pelo tempo mas que ao mesmo tempo em ciclo se retroalimentam.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BALLROOM RN. 2025. Disponível em: <https://www.instagram.com/ballroomrn/>. Acesso em: 10 jul. 2025.

DIDI-HUBERMAN, Georges. **Cascas**. São Paulo: Editora 34, 2017.

_____. **Imagens apesar de tudo**. Rio de Janeiro: Editora 34, 2020.

KOUDELOVÁ, Iva. **Ballroom Community, LGBTQ+ and History**. 2022. Disponível em: https://is.muni.cz/th/j8y1h/Ballroom_Community__LGBTQ__and_History.pdf. Acesso em: 06 jul. 2025.

LAWRENCE, Tim. **‘Listen, and you will hear all the houses that walked there before’**: a history of drag balls, houses and the culture of voguing. A history of drag balls, houses and the culture of voguing. 2013. Disponível em: <https://ezratemko.com/wp-content/uploads/2019/05/A-history-of-drag-balls-houses-and-the-culture-of-voguing.pdf>. Acesso em: 08 jul. 2025.

LIMA, A. (2013). Excursão sobre o conceito de contracultura. *Holos* 29 vol. 4 Revista de Divulgação Científica e

Tecnológica do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte, p. 183-192.

MAIS, Redação Saiba (org.). **Ballroom**: entenda como a comunidade cresceu no RN. entenda como a comunidade cresceu no RN. 2024. Disponível em: <https://saibamais.jor.br/2024/09/ballroom-entenda-como-a-cultura-cresceu-no-rn/>. Acesso em: 05 jul. 2025.

OLIVEIRA, João Pacheco de; SANTOS, Rita de C.M. Descolonizando a Ilusão Museal – Etnografia de uma proposta Expositiva. In: OLIVEIRA, João Pacheco de; SANTOS, Rita de

C. M. (org) **De acervos coloniais aos museus indígenas. Formas de protagonismo e de construção da ilusão museal.** João Pessoa: Editora da UFPB, 2019, p.398-434.

PARRINE, Raquel. Construção de gênero, laços afetivos e luto em Paris Is Burning. **Revista Estudos Feministas**, [S.L.], v. 25, n. 3, p. 1419-1436, dez. 2017. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/1806-9584.2017v25n3p1419>.

PARIS IS BURNING. Direção: Jennie Livingston. EUA: Miramax, 1990. 71 min (Stream). Son, Col, Inglês.

SANTOS, Henrique Cintra. **A transnacionalização da cultura dos *Ballrooms*.** 2018. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2018. Disponível em: http://repositorio.unicamp.br/bitstream/REPOSIP/331699/1/Santos_HenriqueCintra_M.pdf.

SONTAG, Susan. **Diante da dor dos outros.** São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

_____. **Sobre fotografia.** Tradução de Rubens Figueiredo. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

SILVEIRA, Luiza Kârana Soto da. **Da okupação pela moradia à okupação na cena ballroom de Porto Alegre:** Alianças e estratégias políticas da Kiki House of Kaliça. Bahia, 2025.

THE QUEEN. Direção: Frank Simon. EUA: Grove Press, 1968. 68 min (Stream). Son, Col, Inglês.